

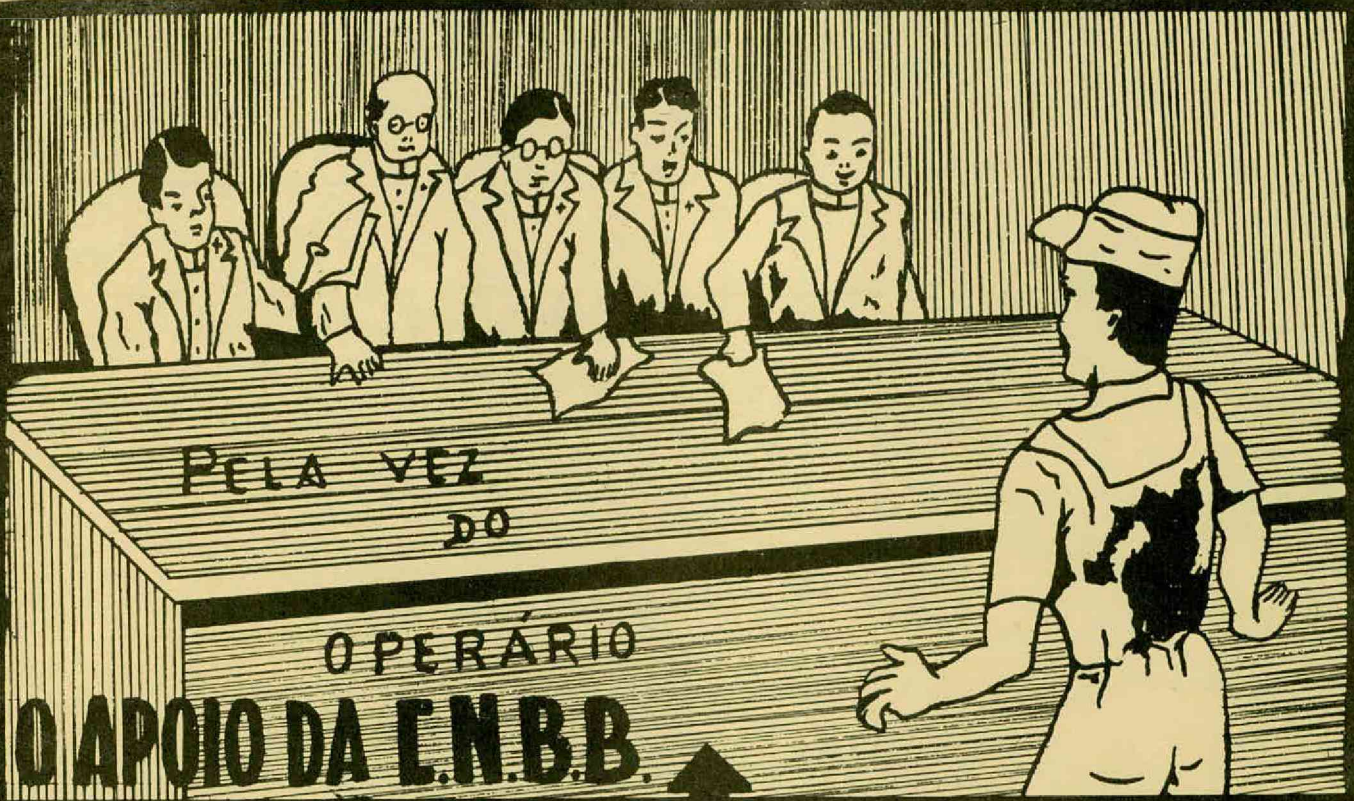
BOLETIM

COMISSÃO NACIONAL DE PASTORAL OPERÁRIA

ANO V

Nº 18

MAIO - JUNHO



EXPEDIENTE

Boletim da
Comissão de
Pastoral
Operária

Anexa à CNBB
Setor Leigos-Linha 1
Responsável:
Maria Carvalho de Menezes
C. P.
CEP: 25.000
Duque de Caxias
RJ.

Assinatura Anual
Cr\$ 2.000,00
Assinatura de Apoio
Cr\$ 4.000,00
Para Exterior
US\$ 10,00

Envie sua contribuição
para Salvador Marcelino
ou

Maria Carvalho de Menezes
Conta nº 01 010060-2
Banco do Estado de Minas Gerais S/A.
030-7 - CAXIAS - RJ.

Novo Endereço do Secretariado:
Rua Mariano Sendra dos Santos,
44 - Sala 501 - Duque de Caxias
25.000 - RJ.

SECRETARIADO NACIONAL DE PASTORAL OPERÁRIA

No dia 17 de abril, por ocasião do encerramento da **CAMPANHA DA FRATERNIDADE** da Diocese de Duque de Caxias, D. Mauro Morelli, oficializou a inauguração do Secretariado Nacional. Gratos ao povo de Caxias, a D. Mauro, a Diocese, a Baixada Fluminense.

Uma pastoral que responda às situações, às aspirações dos trabalhadores da Baixada Fluminense, das cidades do Brasil, vai fortemente contribuir para que a classe operária se una e se organize à luz dos valores evangélicos, construindo uma sociedade justa e sem dominações.

APRESENTAÇÃO

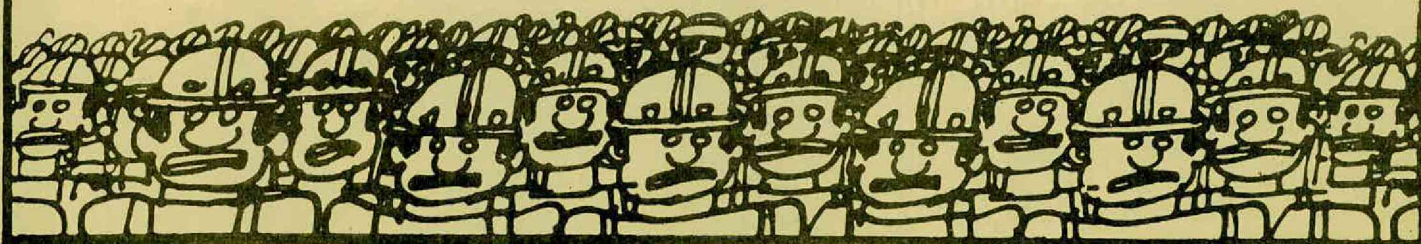
A Comissão Nacional de Pastoral Operária na sua última reunião, realizada em Nova Iguaçu, no centro de Formação a rua Aimorés 8, nos dias 16 e 17 de abril, aprovou continuidade deste **BOLETIM** e se comprometeu organizá-lo de forma que se torne um instrumento de trabalho, de divulgação de experiências, de enriquecimento mútuo e de participação nacional nas lutas e justas reivindicações da classe operária.

Neste número:

- Apelo aos Bispos em Itaici
- Solidariedade Internacional
- Vida e Fé
- Não posso
- Notícias da Pastoral Operária
- Denúncia
- 1º de maio.

Boletim da CPO-Nacional

LEIA, DISCUTA, DIVULGUE...



Itaici

APELO AOS BISPOS



Estamos apresentando aqui o documento que a PASTORAL OPERÁRIA NACIONAL apresentou à 21ª Assembléia dos Bispos do Brasil em Itaici.

É preciso destacar que nesta Assembléia da CNBB, a Pastoral Operária teve uma participação direta, através de 4 de seus militantes.

A acolhida que nossos Bispos demonstraram em relação a esses companheiros e sua sensibilidade à causa operária nos anima a continuar nossa luta de militantes cristãos do movimento operário.

JUSTIÇA NO MUNDO DO TRABALHO

1. O Desenvolvimento e as Reivindicações dos Trabalhadores

O desenvolvimento do Brasil sempre se caracterizou pela desigualdade na divisão dos seus custos e benefícios. No período colonial, o desenvolvimento de uns poucos se deu às custas do trabalho escravo de milhões de pessoas. Na verdade não seria legítimo afirmar que o regime de trabalho no Brasil pode ser chamado livre.

O país sempre foi relativamente rico, com a maioria de sua população pobre, conservada à margem e sem acesso à riqueza nacional. A desigualdade e a indiferença pelos direitos humanos mais elementares são partes e o traço básico da bibliografia dos grupos dirigentes e do Estado.

Apesar de todas as lutas dos trabalhadores, negros, camponeses posseiros, assalariados rurais e urbanos, o desenvolvimento tem sido feito sobre os seus ombros e em benefício de uma minoria que monopoliza a direção da economia e da política. Este é o fundamento real da ordem autoritária e elitista que define nossa sociedade, suas instituições e leis.

Contra essa ordem ilegítima e imoral, os movimentos populares, lutaram ao longo de nossa história. Essas lutas foram muitas. A primeira foi contra a escravidão e, nos tempos mais recentes, as lutas em torno da apropriação, posse e uso da terra. O comércio com a terra gerou muita violência e fez muitas vítimas.

Nas últimas décadas aconteceram as lutas do movimento sindical pela autonomia sindical, pela organização dos sindicatos, por melhores salários, assistência e benefícios sociais, direito de greve, segurança e estabilidade no trabalho.

Ao longo das décadas do chamado "desenvolvimento industrial", o movimento operário lutou para garantir os direitos mais elementares relativos ao salário, à estabilidade, à assistência e ao direito de lutar por seus direitos através da organização livre e independente dos seus sindicatos. Nesta caminhada o movimento operário foi crescendo e superando, na prática, muita das limitações impostas por uma legislação trabalhista fundada na Carta del Lavoro de Mussolini e transplantada para o Brasil. Até que chegou a Revolução de 1964.

É o primeiro sinal de que essa Revolução foi feita contra os interesses dos trabalhadores. A intervenção em centenas de sindicatos rurais e urbanos e a prisão de seus dirigentes. Uma sequência de medidas foram tomadas, privilegiando o grande capital, transnacional e nacional, às custas de crescentes sacrifícios dos trabalhadores, a saber.

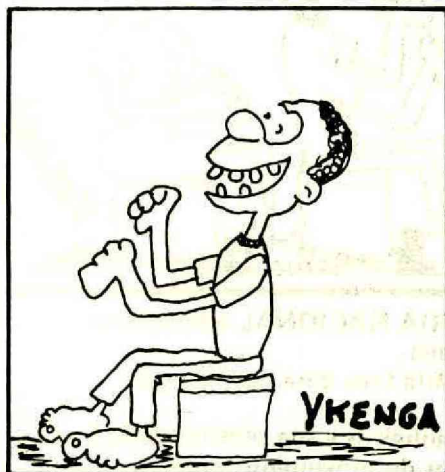
a. — Fim da estabilidade e criação do FGTS, colocando os trabalhadores totalmente à mercê dos interesses imediatos dos empresários.

b. — Políticas variadas de arrocho salarial, que mudam de forma, mas não de conteúdo e que submetem os trabalhadores a perdas constantes no valor de seus salários.

c. — Legislação submetendo o movimento operário a todo tipo de pressões e ameaças definidas na Lei de Segurança Nacional, além de novas intervenções e processos contra os líderes sindicais mais combativos. Foram definidos dispositivos na Lei de Segurança Nacional, Código Penal Militar e CLT, que considerem crimes contra a Lei de Segurança Nacional, simples críticas ao sistema econômico, a organização de movimentos populares e que permitem, ao governo, cassar mandatos de dirigentes sindicais e intervir sindicatos.

(CONTINUA)

d. — Legislação que torna a greve praticamente ilegal e, portanto, sujeita à repressão policial e militar, assim como enquadramento na Lei de Segurança Nacional.



2. A crise atual e seus efeitos sobre o movimento Operário.

A crise econômica, fruto de 19 anos de regime autoritário, assume proporções imensas. Com a abolição da censura e com as primeiras brechas da abertura conquistada, em boa parte, pelos movimentos populares, podemos hoje perceber a extensão e gravidade da situação econômica do país do grau de corrupção na manipulação e espoliação dos recursos da Nação. Ultrapassada a falsa euforia do "milagre" o Brasil acorda com a dívida externa de cerca de 100 bilhões de dólares e com a possibilidade de ver no futuro imediato, realizar-se a seguinte previsão:

a. — O Produto Interno Bruto caindo até 5% em 1983 e 4% em 1984.

b. — Queda do produto industrial na ordem de 20% em 1983/84.

c. — Queda na produção agrícola na ordem de 5 a 10%.

d. — Inflação superior a 130%.

e. — Aumento na dívida externa bruta, podendo chegar a mais de 100 bilhões de dólares em 1983.

f. — Se considerarmos que a recessão pode perdurar até 1987, teremos uma perda de 200 a 250 bilhões de dólares em nosso Produto Interno Bruto.

O Brasil acorda também sendo governado pelos banqueiros internacionais e pelo FMI. Enquanto isso, sobre os trabalhadores, recaem todo o peso e os sacrifícios:

a. — Aumentam o desemprego e o subemprego, pois a taxa de desemprego pode subir de 10% a 12% em 1984. Temos agora 6 milhões desempregados, poderemos ter mais 5 milhões nos próximos 5 anos, totalizando 11 milhões de desempregados.

b. — O salário médio real pode sofrer uma perda de 15% em seu valor nos próximos 2 anos, caracterizando um novo achatamento salarial que será legalizado através das previsões da legislação salarial, feitas por decreto, ou pela modificação de índices e cálculos cuja única virtude é a de diminuir salários e aumentar lucros.

c. — O Governo ameaça com o rigor das leis e com as consequências da crise alegando o momento da trégua e da socialização dos sacrifícios, como se o povo trabalhador ainda devesse algo a um desenvolvimento que nunca o beneficiou.

3. As novas Reivindicações do Movimento Sindical Frente à Crise e à Nova Conjuntura Política.

A primeira grande reivindicação do movimento operário brasileiro neste momento de crise, é a revisão da política econômica que gera a recessão, o desemprego, a inflação e ainda maior concentração da riqueza.

Esta revisão deve nascer de uma opção política que responda ao clamor de milhões de brasileiros: os trabalhadores não podem mais pagar o preço da crise com o desemprego, a instabilidade, o aumento da rotatividade, a perda do valor dos salários, a fome, a angústia e o medo.

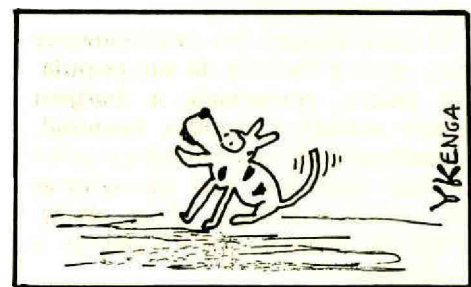
Neste sentido, os trabalhadores exigem a revisão da política salarial, imposta por decreto, e a adoção de medidas que além de promover o emprego pelo menos mantenham o valor real dos salários, protegendo-o da inflação de 130%.

O movimento operário também reivindica a revisão de toda a legislação que faz recair sobre os trabalhadores os rigores arbitrários da Lei de Segurança Nacional e da CLT, deixando na mais perfeita liberdade e conforto as grandes empresas transnacionais.

O movimento operário considera que a questão agrária é uma questão central do desenvolvimento e da democracia em nosso país. Uma reforma agrária mesmo realizada nos termos do Estatuto da Terra, poderia possibilitar imediatamente trabalho, emprego e bem-estar para milhões de brasileiros, sem necessidade de modificações nas leis existentes e na Constituição.

Finalmente o movimento operário considera que a abertura democrática que efetivamente vem ocorrendo em nosso país e que abriu espaços para que o povo e as oposições elegeassem 10 governadores, mais de um terço das Prefeituras e

fizessem maioria no Congresso, deve tornar-se também uma realidade para o movimento operário. Neste sentido é fundamental que a sociedade brasileira se abra à participação dos operários e que os trabalhadores ocupem um lugar de destaque na construção de uma sociedade mais justa mais fraterna e igualitária. Esta participação implica na afirmação da autonomia do movimento operário, na liberdade sindical e no reconhecimento de que não haverá sociedade democrática fundada na marginalização do trabalhador e na exploração do trabalho.



4. Apelo da Pastoral Operária à Assembléia Geral da CNBB.

A Pastoral Operária no Brasil, realizou sua primeira Assembléia Nacional na cidade do Rio de Janeiro, aos 11 e 12 do mês de dezembro de 1982, com a participação de trabalhadores cristãos e engajados provenientes e representado mais de 100 Dioceses e 17 Estados do Brasil.

Itaici

Frente à realidade que acima tentamos descrever, sentimos a importância e a necessidade de colocar nossos irmãos Bispos, Pastores da Igreja no Brasil, reunidos em sua Assembléia Geral Ordinária, a par de nossa visão e compreensão da realidade brasileira, dos nossos sofrimentos e de nossas legítimas e justas reivindicações. Anima-nos a sensibilidade pastoral dos nossos bispos, demonstrada com coragem e fidelidade nos últimos e doloridos anos pelos quais passou a Nação Brasileira.

Somos ainda encorajados a confiar e a esperar solidariedade e uma palavra serena, firme e profética de nossos bispos, pelo testemunho de fidelidade comprovada e crescente desde o Concílio Vaticano II. A Igreja no Brasil caminhou muito desde o Plano Pastoral de Emergência. A preocupação e o compromisso dos Bispos com as questões sociais do país transparecem no incentivo à vida comunitária e organização do povo, no estudo da realidade e nas opções de projetos pastorais relacionados com a situação das nações indígenas dos posseiros, camponeses e agricultores e do povo trabalhador e operário.

A participação dos Bispos do Brasil nas Assembléias de Medellín e de Puebla trouxeram novo alento, esperanças e maior presença do Evangelho nas questões que mordem e ferem os pequenos e marginalizados.

Não é necessária muita pesquisa para evidenciar que nas Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil, no Plano de Pastoral de Conjunto e nos Subsequentes planos bienais de Pastoral, a realidade brasileira nas suas dimensões econômica, social e política, merecem constante estudo, posicionamento e ação concreta da parte da Igreja.

Os documentos da CNBB revelam uma constante e coerente posição profética face à crescente marginalização e empobrecimento do povo brasileiro.

— “Exigências Cristãs de uma Ordem Política”, “Proclamação Pastoral do Povo de Deus” e “Igreja e Problemas de Terra”, entre tantos outros estudos e pronunciamentos, confirmam o que afirmamos.

— Em nossa compreensão, face a realidade que acima descrevemos e que nos atinge profundamente como cidadãos, trabalhadores, pais e mães de família, julgamos que a missão profética da Igreja e dos Bispos não pode ser atenuada,

pois, as estruturas sócio-econômicas, principalmente, continuam inflexíveis e geradoras de marginalização e miséria.

— Assim, irmãos Bispos, como cristãos comprometidos em ser luz e fermento do Evangelho no mundo do trabalho, como trabalhadores engajados no Movimento Operário do Brasil, vimos colocar em seus corações de Pastores os nossos anseios, esperando uma palavra profética em favor da justiça e da fraternidade nas relações de trabalho e de produção. Esperamos confiantes, também, apoio decidido à Pastoral Operária e solidariedade com as reivindicações legítimas e justas dos trabalhadores brasileiros.

Sabemos e assumimos como responsabilidade primeira dos trabalhadores a nossa própria causa. Queremos organizações livres e independentes para que sejamos sujeitos e participantes da construção de uma sociedade justa, mas não podemos dispensar a solidariedade dos que amam a justiça, respeitam e promovem a dignidade e a vida da pessoa humana.

— Com nossa saudação fraterna estaremos unidos na oração diária que o Senhor nos deixou:

“Pai... venha a nós o Teu Reino”.

Pela Comissão Nacional de Pastoral Operária (C.P.O.)

Salvador Marcelino.

SOLIDARIEDADE

Durante o mês de março, tive a oportunidade de manter contato com militantes operários e do movimento popular da Bélgica.

O convite e o encargo da viagem foram uma iniciativa de companheiros Belgas conscientes da necessidade do reforço dos laços internacionais entre trabalhadores.

Da mesma forma como as multinacionais internacionalizaram sua exploração, é preciso que a classe trabalhadora se articule internacionalmente em sua reação a esta exploração.

Incrível a acolhida operária dos companheiros Belgas; e um momento de troca de informações muito ricas. Lá como aqui, apenas em níveis diferentes, o capitalismo em crise descarrega sobre os trabalhadores as restrições econômicas e políticas desta crise.

INTERNACIONAL

O desemprego, o peso da estrutura sindical ultrapassada e burocrática, a falsa liberdade de uma democracia burguesa e a exploração das multinacionais são problemas comuns que cada vez mais diminuem nossas distâncias em relação aos companheiros Europeus.

A conclusão mais clara que se tem após um contato como este é que de nada valem nossas lutas, se elas, não puserem em cheque a estrutura capitalista. Enquanto perdurar este sistema, a exploração da classe trabalhadora, em maior ou menor grau, vai continuar.

É preciso reforçar nossos laços internacionais. Intensificar a troca de correspondência. As informações. A solidariedade concreta em suas formas diversas.

Gilberto Carvalho — PR.



25 de março de 1983. São 18.30 hs. No santuário da Catedral da Sé de São Paulo, no último degrau da escadaria, o caixão e a urna funerária, irmanados, cobertos pelas dobras da bandeira nacional, dominam todo o espaço da nave e do transepto: aqui estão os restos mortais de Frei Tito de Alencar Lima (1945-1974), trasladados do cemitério dominicano de la Tourette, próximo a Lyon (França), e de Alexandre Vannucchi Leme (1950-1973), serão sepultados nos jazigos de suas famílias em Fortaleza e em Sorocaba.

Esses corpos de Tito e de Alexandre vêm da noite dos porões da tortura e da OBAN. Vêm da noite em que a fúria, o ódio e a indignidade desfiguram tanto as suas vítimas que elas perdem toda aparência humana. Vêm da noite da morte assassinada e do cemitério dos indigentes anônimos, da noite do exílio e do espírito atribulado. E aqui estão agora irmanados, solenemente acolhidos por uma multidão que luta a Catedral, pequena demais nesta hora: o silêncio é denso sem tristeza, emocionado sem desespero. Mais que de luto, o ambiente na Catedral superlotada é de Páscoa: ó Morte, onde está a tua vitória? A celebração de uma Vigília Pascal que, na presença das relíquias, se vive, ao mesmo tempo como uma Memória, a recordação de um passado em que a hora presente estende as suas raízes, e a Promessa de um futuro em que, todos nós, somos convidados a entrar:

Uma Memória: a evocação da vida e da morte de Tito e de Alexandre. Amaram tanto a seus irmãos que decidiram, cada um a sua maneira, de dedicar as suas forças e a sua vida à construção de uma sociedade justa e fraterna, em acordo com a vontade do Pai. E assumiram esse compromisso até a morte, e a morte de cruz.

Uma Promessa: celebrar esta hora e oferecer este sacrifício aqui é, sem contestos e sem apelo, descobrir que, todos, somos intimados à assumir o mesmo compromisso, continuado e multiplicado, em fidelidade ao exemplo de Tito e Alexandre e o de Cristo, para que venha a nós o Reino.

Lá fora a noite agora chegou. Jornalistas da imprensa e da TV trabalham ativamente e silenciosamente. Dois spots de luz viva iluminam as urnas, assim feitas foco e coração de toda a assembleia. A longa procissão de uma centena de religiosos, padres e bispos paramentados sobe pelo corredor central da nave até o coro.

canta a multidão:

*"A verdade vos libertará...
 Não temais os que matam o corpo, os que armam ciladas...
 Não temais os que portam espadas,
 Não temais os que tudo deturpam, pra não ver a justiça vencer.
 Não temais os que vos ameaçam com a morte ou a difamação...
 Não temais...
 Tende medo somente do medo..."*

Dom Paulo Evaristo Arns que preside, abre a celebração:

"A Igreja de Deus que está em São Paulo se reúne para celebrar a memória dois de seus filhos. Eles acreditaram que a justiça é imortal e viveram as promessas de Jesus"

Todos asseguram: *"Nós faremos a Justiça vencer"*

"O Cristo, continua D. Paulo, nunca abandona quem defende os pobres e por causa deles entrega o sangue e a própria vida"

"Nós também entregamos nossas vidas pela causa dos pobres", responde a assembléia.

"Cheios de esperança, fazemos a memória da Paixão de Cristo e da morte de nossos irmãos Frei Tito de Alencar Lima e Alexandre Vannuchi Leme", convida D. Paulo. Em poucas palavras, o celebrante explica o sentido da celebração:

"Naquele momento, nem todos foram covardes".

A assembléia, recolhida, escuta três depoimentos sobre Tito e Alexandre:

Uma irmã dele fala de Alexandre. Desde cedo, ele teve sua consciência despertada para as injustiças sofridas por nosso povo. Tornou-se militante da liberdade, deitando-se à conquista de uma sociedade justa onde todos tenham os mesmos direitos e oportunidades. Aos 22 anos, preso pelos agentes da OBAN no dia 16 de março de 1973, Alexandre morreu no dia seguinte em consequência das bárbaras sevícias que lhe foram infligidas. Uma semana depois os órgãos de repressão liberaram a notícia de sua morte "por atropelamento": tinha sido enterrado como indigente no cemitério de Perus. Ivo Lesbaupin, companheiro de prisão de Frei Tito, fala do Tito místico, do Tito companheiro, do Tito martirizado. Ivo evoca a oração feita a Tito pelos seus companheiros da prisão Tiradentes quando, quebrado pelas torturas, voltou da OBAN para a célula: "apanhei como um cachorro", denunciaria Tito. Mas ele era feliz, porque havia vencido: não falara, nada conseguira romper o seu silêncio, nem os eletrochoques na língua, quando teve de abrir a boca "para receber a hóstia sagrada", como lhe disseram seus torturadores. E Ivo evoca a confiança de Tito aos companheiros: "Eu tive força para resistir porque me lembrei dos companheiros que morreram pelo povo".

Enfim o Dr. Mario Simas, advogado de Fr. Tito e da família de Alexandre, testemunha:

"Frei Tito, Alexandre, muito obrigado em nome da minha geração".

Em nome de cada testemunho a assembléia recita poemas: um de Pedro Tierra, cunhado de Alexandre,

"A Palavra sepultada":

*"As palavras estão gastas, mortas por dentro
Meu corpo será meu grito, embora hoje permaneça mudo..."; um outro de Tito: "Dormes, criança, pois teu sonho é paz..."*

O solista canta uma melodia que vem do Nordeste: "O ofício das almas". A voz é despojada, poderosa, sublinhada por instrumentos sonoros: na igreja, a oração...

E a assembléia toda canta "o canto preferido dos presos da Tiradentes" como confidência Fr. Betto:

*"Minha jangada vai sair pro mar
Vou trabalhar, meu bem querer.
Se Deus quiser, quando eu voltar do mar,
um peixe bom, eu vou trazer..."*

Os testemunhos sobre a Paixão de Tito e Alexandre levam os presentes, como que espontaneamente, ao ato penitencial:

*"por não renovarmos a cada dia a nossa esperança, pelo medo que desafia a nossa fé,
por nossa insensibilidade diante da violência que destrói a vida...
perdoai, Senhor, nosso egoísmo que não sabe repartir,
perdoai por não nos comprometermos com a construção da fraternidade".*

A Palavra de Deus ilumina nossa meditação. Pedro Tierra, cunhado de Alexandre, Ildefonso, João, Nailde, irmãos e irmã de Tito, proclamam a Boa Nova:

"Bem-aventurados sois quando vos injuriarem e vos perseguirem..."

"Oprimamos o justo na sua pobreza, não poupemos a viúva, nem respeitemos os cabelos brancos dos anciãos. Cerquem os justos, porque ele nos incomoda e se opõe às nossas ações. Experimentemo-lo pela ofensa e pela tortura, para ver se ele tem mesmo a paz e a doçura. Assim raciocinam os ímpios, mas se enganam, porque sua maldade os cega".

"Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa, pois assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós".

"Ai dos que fazem leis injustas para tirar os direitos dos fracos e privar de sua justiça os pobres de meu povo".

E após cada leitura o povo todo faz eco:

"Tito e Alexandre, como tantos outros na América Latina, deram testemunho do Evangelho com a própria vida".

"O corpo dos mártires é a semente plantada que floresce na luta do povo".

"Na luta o sofrimento não é vão, pois a terra lavrada acolhe a semente que produz frutos".

"Nas prisões brasileiras, continuam sofrendo posseiros, padres e jornalistas. Prisioneiras da injustiça são também suas famílias. Com eles sofremos todos nós".

"Os passos de Frei Tito e Alexandre são os passos da verdade que buscamos".

Os cristãos se edificam e se constroem uns aos outros: eis a ladainha dos santos. Três companheiros de prisão de Frei Tito, entre os quais Frei Fernando, alternam as invocações, a que a assembléia responde:

Santa Maria, mãe de Deus e dos pobres. . .
São José, carpinteiro da Nazaré. . .
São Pedro e São Paulo, mártires do Evangelho. . .
Santo Dias da Silva, mártir da classe trabalhadora. . .
Raimundo Ferreira Lima, "Gringo", coragem e esperança dos camponeses. . .

Angela Cretã, sangue derramado pela causa dos índios. . .

Dom Oscar Romero, mártir do povo da América Latina. . .

Todos os operários, camponeses, índios, estudantes, profissionais liberais e gente anônima, mortos na luta. . . Rogai por nós !

Alexandre Vannuchi Lima — Você está presente.

Frei Tito de Alencar Lima . . .

Padre Henrique Pereira Neto. . .

Padre João Bosco Penido Burnier. . .

Manoel Mouth Queiroz. . .

Vladimir Herzog. . .

Aurora Maria do Nascimento. . . — Você está presente !

Frei Domingos, superior Provincial de Frei Tito, faz a homilia: *“Bem-aventurados sois quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós, por causa de mim. . .”*

“É a canonização dos nossos mártires pelo próprio Cristo. . .”

Frei Domingos evoca dois momentos da Paixão de Tito:

— O de sua arresação: eram 3 horas da madrugada. . . era noite

— quando, avisado das torturas sofridas por Tito na OBAN, procurou localizá-lo e conseguiu, pelo intermédio do Cardeal Rossi, o direito de visitá-lo.

“ A sucursal do inferno é para nós a antessala do céu: Frei Tito e Alexandre, rogai por nós ! ”.

Chega a hora do compromisso: Dom Paulo convida à oração da comunhão. De mãos dadas, em torno das relíquias, o Pai Nosso. E a assembléia toda, publica e explicitamente, assume seu compromisso:

“Senhor, Deus de Libertação, que nos assegura, por vossa Ressurreição, a certeza da vida e da vitória, nós, aqui reunidos, diante das cinzas de Alexandre e de Fr. Tito, firmamos o compromisso:

— *de nunca deixar que se apague a memória deles e de todos que foram assassinados pela repressão;*

— *de prosseguir lutando pela mesma esperança, com a mesma dignidade e coragem;*

— *de participar dos movimentos populares, das causas por mais justiça e liberdade;*

— *de reforçar nossa união e nossas ferramentas de luta;*

— *de servir à causa libertadora dos oprimidos, assim como o fizeram Alexandre e Tito, e o vosso Filho Jesus.*

Amém ! ”

O canto final: *“Hino da Alegria”*, de Dom Pedro Casaldáliga, convida a todos à esperança da Terra Nova:

“Vem, canta, luta cantando, vive forjando o novo chão, em que nós todos viveremos como irmãos...”

“Se não achares alegria nesta terra, Sê profecia em tua vida com tua guerra”

“Vem, canta . . .”

Se é verdade que *“há lugares em que sopra o Espírito”*, nesta noite na Catedral da Sé de São Paulo sopra o Espírito do Senhor Ressuscitado: Aqui ele convoca sua Igreja e a manda, nos passos de Jesus e das suas testemunhas, Tito e Alexandre,

“Levar a Boa Nova aos pobres, anunciar aos cativos a libertação, e aos cegos a restauração da vista, libertar os oprimidos, proclamar o Jubileu do Senhor”.

Aqui diante das relíquias de Tito e Alexandre, a Igreja escuta a Promessa de seu Senhor:

“Como me perseguiram a mim, assim também perseguirão a vocês. . . Mas as forças do inferno — e de suas sucursais — não prevalecerão. . .”

A Hora da Cruz é feita Hora da Vida.

Agora, são 20 hs. A multidão, aos poucos, se dispersam na noite, levando as últimas palavras de Dom Paulo: *“Adeus ! Nós deles herdamos o coração”.*

E eu também vou, com uma última lembrança na cabeça. . . Tito naquela tarde cinzenta e triste do inverno parisiense — éramos em 1972, acho — você estava sentado no banco da Praça. Sentia muita saudade de sua terra: *“Onde está o sol de meu sertão?”*. Agora seu corpo volta para sua terra amada. . . Mas vossas relíquias, Alexandre e Tito, nessa noite, no meio de nós, foram *“vosso grito”*:

“A profecia”, silenciosa e supremamente eloquente, dos Novos Céus e da Terra Nova, nossa Esperança e nossa Certeza.

Ivo.

**“MAFESTA
DE MIN
ESSE CALICE
DE VINHO
TINTO DE
SANGUE”**



João Monlevade, 10 de março de 1983.

Exmo. Sr.
Ronam Tito
DD. Secretário do Trabalho e Ação Social do Estado de Minas Gerais.

Senhor Secretário:

Após consultas com trabalhadores e líderes sindicais, comprometidos na luta pela democratização do país, informo que não posso aceitar o convite para integrar a sua equipe, na função de Subsecretário do Trabalho.

É que, embora honrosa a função, não seria possível dissociar do cargo a figura do dirigente sindical que, em razão do mandato dos trabalhadores, seja como membro da Comissão Nacional Pró Central Única dos Trabalhadores (CUT), tem o dever de manter acesa a campanha contra a situação de opressão em que vivem as classes trabalhadoras, notadamente no momento em que a conjuntura apresenta situações de suma gravidade.

Sei que V. Excia. está imbuido dos melhores propósitos e que certamente dará cumprimento às promessas feitas em praça pública, honrando o compromisso de propugnar por profundas transformações sociais.

Quanto a nós, dirigentes sindicais, cabe a função de prosseguir na luta, pois é evidente que a eleição de novembro último, em razão do abuso do poder econômico, da legislação autoritária, como da vinculação de votos, lei Falcão, e a despudorada aplicação da máquina estatal para corromper o processo eleitoral, não permitiu que o povo pudesse exercitar o seu direito de livre escolha.

Respeito a posição de alguns bravos companheiros que na fase de consultas, defenderam a nossa participação no rol dos auxiliares do futuro governo Tancredo Neves, entretanto, a esmagadora maioria dos líderes e trabalhadores ouvidos optou pela não aceitação do cargo.

O quadro atual vai exigir muito mais de todos nós, representantes das classes assalariadas, de vez que se articula um "projeto de conciliação nacional" que é sabidamente contrário aos interesses populares.

Permita-me reiterar, mais uma vez, que nós do movimento sindical, entendemos que devem ser as propostas de um governo democrático e popular:

1º) ampla e total liberdade de organização dos trabalhadores, com o reconhecimento do direito absoluto de greve e autonomia sindical, sem tutela governamental ou de qualquer partido político;

2º) adoção de um plano de emergência contra o desemprego e um projeto de reforma agrária para a imediata produção de alimentos para o nosso povo;

CONTINUA

CONTINUAÇÃO

3º) liberdade de organização partidária, com o reconhecimento dos partidos proscritos, como o PCB e suas vertentes, como o PC do B, o MR-8 e outros;

4º) imediata revogação, e não "revisão", da Lei de Segurança Nacional;

5º) imediata convocação da Assembléia Nacional Constituinte, com a participação de todos os partidos, inclusive os de orientação marxistas, na campanha eleitoral, com amplo acesso aos meios de comunicação (rádio, jornal e televisão);

6º) denúncia *dos acordos que o regime assinou com o FMI*, por serem eles profundamente lesivos aos interesses nacionais;

7º) restabelecimento das eleições diretas para Presidente da República e prefeitos das Capitais e cidades consideradas de "Segurança Nacional";

8º) democratização do ensino e fortalecimento da escola pública, com a conseqüente valorização profissional dos professores, mediante salários dignos;

9º) concessão do 13º salário dos funcionários públicos, conforme promessa na campanha eleitoral, e direito de sindicalização para todos eles;

10º) compromisso de não usar a Polícia Militar e Civil contra os movimentos grevistas;

11º) desmantelamento dos órgãos de repressão (DOPS, etc.)

Senhor Secretário:

Julguei de meu dever dizer a V. Exa. que estamos firmes no propósito de continuar a nossa luta em defesa dos trabalhadores. Em qualquer uma das áreas de atuação profissional. V. Exa. encontrará pessoas dignas para desempenhar a nobre função de Subsecretário do Trabalho do Estado de Minas Gerais.

Queira aceitar nossos votos de sucesso e a certeza de que estaremos abertos para discutir publicamente as questões de interesse dos trabalhadores, de Minas e do Brasil.

Ao reafirmar a confiança de que honrará os compromissos assumidos e a de que tudo fará no sentido de valorizar o trabalho, subscrevo-me,

Atenciosamente

João Paulo Pires Vasconcelos
Secretário do Sindicato dos Trabalhadores
Metalúrgicos de João Monlevade – Membro da
Comissão Nacional Pró-CUT.





Noticias

RIO GRANDE DO SUL

Depois de dois anos de luta e espera, a Associação Pré-Sindical dos trabalhadores da Construção Civil de VENÂNCIO AIRES/RS recebeu sua Carta Sindical, transformando-se em sindicato. É mais um sindicato combativo que surge, encabeçado por companheiros da Pastoral Operária.

VITÓRIA DA OPOSIÇÃO: JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE

Mais uma vitória de uma oposição sindical. Desta vez no sindicato dos Jornalistas de Porto Alegre, ganhou a chapa 2. Vitória da chapa mais combativa com a proposta de um sindicalismo democrático e de base. Na primeira rodada, deu empate: 388 a 388. Na segunda votação, a chapa manteve os mesmos 388 votos enquanto a chapa 2 aumentou em 83 votos, chegando a 471 votos. Dia 22 de abril será a posse.

O CAMP

Surge o CAMP (Centro de Assessoramento Multiprofissional) no Rio Grande do Sul. Pretende assessorar o movimento popular urbano e rural. É integrado basicamente por pessoas ligadas à CPO e CPT e prioritariamente vai atender suas

áreas de trabalho, embora seja autônomo. Para contatos: CAM – Rua Ramiro Barcelos, 641 – CX. Postal 872 – 90.000 – Porto Alegre/RS – fone 246518.

ARQUIDIOCESE DE PORTO ALEGRE

Foi marcada a Assembléia Arquidiocesana de PO para 29 de maio. Temário: planejamento das atividades da PO da Arquidiocese; eleição da Comissão arquidiocesana.

PASTORAL OPERÁRIA DE MONTES CLAROS

– Em 1983, começamos elaborar nosso boletim, de dois em dois meses. Já saiu o primeiro.

– No dia 4 a 8 de abril, promovemos um curso de formação sindical para companheiros da PO, CEB'S e sindicatos. Teve uma presença contínua e constante entre 48 a 52 participantes, com assessoria de Belo Horizonte.

- Adriano e Eme (Pastoral Operária)
- Virgílio (Economista)
- Fazzzi e Ramos (Casa do Trabalhador de Montes Claros)
- Maia (dirigente sindical de B. H.)

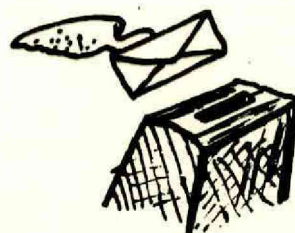
Conteúdo do curso:

- História do sindicalismo;
- Política econômica e agrária;
- Conjuntura atual e seu rumo;
- O sindicalismo hoje (Conclat-cut)
- Experiências concretas.

– A atual diretoria dos trabalhadores da Construção Civil de Montes Claros é pelega e tem 26 anos que está na direção. Foi feita uma chapa de oposição, onde o presidente e dois elementos são da Pastoral Operária.

FORTALEZA COMUNICA:

A Chapa de oposição CHAPA 2 "UNIÃO E TRABALHO", que concorreu às eleições para o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Calçados, foram vitoriosos, a categoria tem 4 mil associados e apenas 1.100 estavam em condições de votar. Votaram 920 trabalhadores. A chapa 2 teve 655 votos e a chapa 1 teve 210.





DENÚNCIA

No dia 14 de março, na Fazenda Santa Clara, município de Bom Jesus da Lapa — BA, o lavrador **NAPOLEÃO ANTÔNIO DE LIMA** foi morto pelo grileiro Sebastião Alves de Souza com seis tiros de revólver. O grileiro estava acompanhado do sub-delegado de polícia Jerônimo Moreira e mais cinco capangas armados.

Este já é o quarto assassinato de lavradores que acontece neste início de ano: Cassiano e José Cândido — de UNA, Jorge da Conceição — de SIMÕES FILHO.

O documento "Igreja e Problemas da Terra" lembrava: "Violências de toda a ordem se cometem contra esses últimos para expulsá-los da terra. Nessas violências, já se comprovou amplamente, estão envolvidos desde jagunços e pistoleiros profissionais até forças policiais, oficiais de justiça e até juízes. Não raro observa-se a anomalia gravíssima da composição de forças de jagunços e policiais para executar sentenças de despejo" (CNBB, Itaici, fevereiro de 1980).

O sangue do trabalhador do campo mais uma vez foi derramado por criminosos do poder econômico: é mais uma voz que "da terra grita a Deus por justiça".

Depois de uma falsa trégua eleitoral, o campo é de novo varrido à bala e os poderes públicos não ficam indiferentes, e sim, colaboram diretamente nas ações criminosas.

A Comissão Pastoral da Terra, regional Nordeste III vem de público denunciar os criminosos

e quantos com eles colaboram ou silenciam. Nos perguntamos: adianta pedir justiça a quem **DEVERIA** fazer justiça? Já são quatro mortos em menos de 3 meses e áreas de tensão continuam sem soluções: laçu, Una, áreas de reflorestamento, entre muitas outras...

NAPOLEÃO ANTÔNIO deixa a viúva e numerosos filhos: à família expressamos a nossa solidariedade. Solidariedade também aos amigos de Napoleão para que fiquem na terra. Solidariedade a todos os trabalhadores que se organizam e enfrentam grileiros, patrões, polícia e políticos, para fazer na prática, uma nova lei, um novo estado de direito que reconheça o elementar direito à vida, ao trabalho, à posse da terra.

"Violência não" nos lembra a Campanha da Fraternidade deste ano. Basta de violência contra o fraco, contra o trabalhador rural, contra o trabalhador de fábrica: Esta é a violência organizada e que se tornou instituição em nossa sociedade. Queremos que esta violência acabe, por isso denunciamos à opinião pública este assassinato que não vai silenciar a voz dos trabalhadores; ao contrário, o sangue destes mártires é estímulo para continuar a luta. É a luta por uma causa justa, o direito à terra: A terra é de quem nela trabalha. "O caminho da liberdade ainda é uma vereda estreita, mas nós o alargamos e transformaremos numa grande estrada por onde passarão os nossos filhos.

SECRETARIADO DA CPT
COMISSÃO PASTORAL DA TERRA NE III



1º DE MAIO

O QUE NÃO É

- Não é festa
Sobretudo organizada pelo patrão.
- Não é folga,
nem dia de lazer atoa,
sem pensar em nada.
- Não é alegria superficial
e alienante, apoiando assim
a política do patrão e do
governo.
- Não é dia de ficar em casa,
aproveitando-se do sacrifício
dos outros.
- Não é dia igual aos outros.

O QUE É

- É dia de lembrança das
LUTAS OPERÁRIAS.
- É dia da **REFLEXÃO**
sobre a situação atual
dos operários.
- É dia de **LUTO**, lembrando a
morte de tantos **companheiros,**
lavradores, sindicalistas que ofereceram
a vida por um mundo mais justo e
fraterno.
- É dia de **PARTICIPAÇÃO** das
manifestações de libertação
dos operários.
- É dia de **ESPERANÇA** e de
COMPROMISSO.

COMO NASCEU 1º DE MAIO



Antônio e Zé, sentados no bar da esquina, estão conversando...

- Eu não entendo Zé, porque você não vai comigo ao churrasco oferecido pelo patrão. Sei que o salário é pouco, mas pelo menos, de vez em quando ele se lembra de nós e quer nos dar um pouco de alegria... E você vai recusar?

- Antônio, você ainda não entendeu o jogo do patrão? Ele quer comprá-lo com um churrasco, para, com os outros, desmobilizar os trabalhadores. Você e tantos outros companheiros estão achando que o patrão é bonzinho e que se preocupa com seus operários, e sobretudo no 1º de maio...

- Que que tem o 1º de maio? Não é um dia de folga? e mais, com um churrasco de graça?

- Acho que seria bom, Antônio, você saber o que significa de fato o 1º de maio... Vou contar...

Há muito tempo que os pequenos sofrem e são injustiçados. Até no século passado, os operários tinham que trabalhar 14, 16 horas diárias, com salários irrisórios, sem nenhuma segurança. Pior ainda eram as condições de trabalho das mulheres e das crianças.

Acidentes de trabalho, doenças, mortes, miséria... Era um inferno...

O povo não aguentava mais os operários começaram a se organizar para melhorar um pouco a vida deles e de seus familiares.

Quando um dia, era no 1º de maio de 1886, numa cidade dos Estados Unidos, chamada CHICAGO, vários companheiros foram presos e ENFORCADOS na praça pública, porque lutavam por:

- salários mais justos;
- horário de trabalho de 8 horas;
- melhores condições de trabalho e respeito das mulheres;
- para acabar com o trabalho das crianças.

Você entende agora, Antônio, porque eu não estou com nenhuma vontade de ir ao churrasco? Eu iria festejar, elogiar e apoiar o patrão no dia da comemoração da morte de nossos companheiros que os grandes empresários mataram...

O 1º de maio é a LEMBRANÇA e a CELEBRAÇÃO DAS LUTAS OPERÁRIAS, das suas vitórias, do sacrifício de tantos companheiros que deram a vida por mais justiça e mais humanidade no mundo do trabalho.

O que celebramos hoje, 1º de maio, é a nossa luta.

- contra o desemprego
- por salários justos
- pela estabilidade no trabalho
- por um sindicalismo livre
- pela participação dos trabalhadores na construção de um mundo fraterno.

"Eu vi a miséria do meu povo e ouvi o seu clamor por causa dos seus opressores. Conheço a sua dor. Estou decidido a libertá-lo". (Ex. 3,7)

1 de



até quando?

MAI